

CAPÍTULO 20

DESAFIOS E PERSPECTIVAS FUTURAS DA LINGUÍSTICA COGNITIVA APLICADA AOS ESTUDOS DA LIBRAS E DA COGNIÇÃO SURDA

 <https://doi.org/10.68044/bctgrd06>

Nyce Marcelle de Leon Rocha Vieira de Melo ¹

Doutoranda em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e professora efetiva do Instituto Federal de São Paulo (IFSP – Reitoria).



RESUMO: Este artigo discute desafios e perspectivas futuras da Linguística Cognitiva aplicada aos estudos da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e da cognição surda, com base em produção acadêmica brasileira publicada entre 2024 e 2026. Analisa-se como corporeidade, iconicidade, espacialidade, multimodalidade, categorização, espaços mentais e processos tradutórios contribuem para compreender a construção de sentidos em uma língua visual-espacial. A revisão evidencia avanços na descrição cognitivo-funcional da Libras, na terminologia especializada, na tradução e na análise de recursos corporais, mas também identifica lacunas relacionadas à integração entre métodos, à ampliação de corpora naturais, à participação de pesquisadores surdos e à investigação longitudinal da aquisição linguística. Defende-se que as pesquisas futuras articulem dados de uso, experiência sociocultural e especificidades estruturais da Libras, evitando tanto reducionismos visualistas quanto generalizações sobre a cognição surda. Conclui-se que uma agenda multimodal e interdisciplinar pode ampliar a precisão descritiva e a relevância social desse campo no contexto brasileiro.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva; Libras; Cognição surda; Multimodalidade.

INTRODUÇÃO

A Linguística Cognitiva consolidou-se como um campo que compreende a linguagem em articulação com processos gerais de conceptualização, categorização, memória, atenção, experiência corporal e interação social. Quando essa perspectiva é mobilizada para investigar a Língua Brasileira de Sinais (Libras), amplia-se a possibilidade de descrever fenômenos que não podem ser reduzidos a uma transferência de categorias formuladas para línguas orais. A Libras organiza sentidos por meio de recursos manuais e não manuais, do espaço de sinalização, da direção do olhar, das expressões faciais e corporais, da iconicidade e de relações construídas no uso. Nesse cenário, a investigação cognitiva oferece instrumentos para compreender como forma linguística, experiência perceptiva, corpo e contexto se articulam na produção de significados, sem retirar da Libras sua condição de língua natural, historicamente constituída e socialmente compartilhada.

A produção brasileira recente demonstra um deslocamento importante: os estudos passam a problematizar, com maior intensidade, a relação entre cognição e especificidades da modalidade visual-espacial. Francisco, Bourguignon e Castro Júnior (2025, p. 381) assinalam que a Linguística Cognitiva favorece a compreensão da conexão entre forma e significado e permite examinar metáforas cognitivas, esquemas imagéticos e experiências corporais na

organização lexical da Libras. Máximo (2024, p. 896-897), por sua vez, propõe uma orientação cognitivo-funcional para descrever a gramática da língua a partir de suas próprias interfaces e de dados produzidos por pessoas surdas. Esses movimentos contribuem para superar análises que tomam o português como medida descritiva e, simultaneamente, evidenciam que a experiência visual e espacial não deve ser tratada como explicação única para todos os fenômenos linguísticos e cognitivos.

Neste artigo, a expressão cognição surda é empregada de modo analítico e não essencialista. Ela não designa uma estrutura mental homogênea, universal ou biologicamente determinada para todas as pessoas surdas. Refere-se, antes, aos processos cognitivo-linguísticos que podem ser investigados em sua relação com a experiência visual-espacial, corporal, social e cultural de sujeitos que utilizam línguas de sinais, considerando trajetórias diferenciadas de aquisição, escolarização, contato linguístico e participação comunitária. Essa delimitação é importante porque os dados recentes mostram heterogeneidade entre sinalizantes e revelam que idade de aquisição, condições de acesso à Libras e contextos de uso interferem nas práticas linguísticas. Costa, Nascimento e Silva (2025, p. 314), por exemplo, observaram trajetórias distintas de aquisição entre estudantes surdos e relacionaram essas diferenças aos modos de uso e compreensão de sinais compostos.

Os estudos selecionados também revelam que a agenda contemporânea não se limita à descrição lexical ou gramatical. Nascimento (2026, p. 274-278) chama atenção para a necessidade de uma concepção efetivamente multimodal da sinalização, na qual a boca, o olhar, a face e outros recursos corporais não sejam automaticamente classificados como elementos periféricos. Silva e Machado (2026, p. 223-224) articulam dêixis, corporeidade, semântico-pragmática e cognição no ato tradutório. Kendrick, Soares e Mattos (2025, p. 123) demonstram a relevância dos espaços mentais e do corpo para a construção de narrativas em Libras. Albres (2025, p. 215-216) aproxima Linguística Cognitiva, tradução e expansão terminológica, enquanto Uchôa et al. (2026, p. 1) tratam a iconicidade como processo cognitivo na criação de um sinal-termo para um conceito da Física.

A relevância da discussão está justamente na convergência desses eixos. A Linguística Cognitiva aplicada à Libras encontra hoje um campo fértil, mas ainda fragmentado entre estudos de tradução, terminologia, gramática, educação, multimodalidade e semiótica. Há avanços importantes, porém, persistem desafios teórico-metodológicos: como construir modelos que considerem simultaneamente recursos manuais e não manuais? Como analisar a iconicidade sem convertê-la em simples transparência entre forma e referente? Como ampliar corpora de sinalização espontânea e dados

produzidos por sujeitos surdos? Como investigar aquisição e processamento sem generalizar resultados obtidos com poucos participantes? Como articular descrição linguística, experiência cultural e demandas de formação, tradução e ensino? Essas questões justificam uma síntese crítica capaz de organizar contribuições recentes e apontar caminhos futuros.

Assim, o objetivo deste artigo é discutir os principais desafios e as perspectivas futuras da Linguística Cognitiva aplicada aos estudos da Libras e da cognição surda, destacando seis núcleos: corporeidade e experiência; espaço e construção conceitual; iconicidade e arbitrariedade; multimodalidade e tradução; aquisição e dimensão sociocultural; e desafios teórico-metodológicos. Trata-se de uma revisão bibliográfica interpretativa, fundamentada prioritariamente em produção acadêmica nacional de 2024 a 2026 disponibilizada nos arquivos que compõem o corpus deste trabalho. A leitura buscou identificar convergências, tensões e lacunas, preservando os recortes empíricos de cada estudo e evitando transformar resultados localizados em generalizações sobre todas as pessoas surdas. Desse modo, pretende-se contribuir para uma agenda de pesquisa interdisciplinar, empiricamente mais ampla e teoricamente sensível às especificidades da Libras.

REFERENCIAL TEÓRICO

Linguística Cognitiva, Libras e experiência corporificada

A aproximação entre Linguística Cognitiva e Libras é particularmente produtiva porque permite conceber a língua como um sistema simbólico no qual estrutura e significado são inseparáveis. Em vez de tratar a gramática como um conjunto autônomo de regras desligadas da experiência, essa abordagem possibilita investigar como esquemas espaciais, experiências perceptivas, padrões de uso e convenções sociais participam da construção linguística. Francisco, Bourguignon e Castro Júnior (2025, p. 380-381) sustentam que sinais-termo podem ser compreendidos a partir de processos cognitivos corporificados e da interação entre gramaticalidade, iconicidade e cognição. Para os autores, a forma de um sinal está ligada a experiências e à construção do significado, o que torna insuficiente uma descrição exclusivamente articulatória quando o objetivo é compreender a organização conceptual.

Esse entendimento encontra correspondência nos estudos de Silva e Machado (2025, p. 93-94), para quem a tradução em Libras mobiliza o corpo como meio de construção do sentido. A atividade tradutória exige mais do que correspondências lexicais: envolve imagens mentais, escolhas expressivas, organização espacial e ajustes culturais. Segundo Silva (2022 apud Silva; Machado, 2025, p. 94), o

ato tradutório em Libras envolve sinais, representações mentais com significados, corporeidade e outras estruturas da produção sinalizada, razão pela qual o texto de partida precisa ser recriado segundo os recursos da língua de chegada. Essa formulação evidencia como a noção de corporificação pode ser operacionalizada em situações concretas de uso, especialmente quando o tradutor deve reorganizar relações semânticas que não se apresentam de modo linear ou equivalente entre português e Libras.

No campo terminológico, a corporificação também aparece como princípio de organização do léxico especializado. Em áreas como Saúde e Biossegurança, sinais-termo precisa expressar conceitos abstratos sem perder inteligibilidade para os usuários da língua. Francisco, Bourguignon e Castro Júnior (2025, p. 394) mostram que o corpo participa da delimitação espacial, da direção dos movimentos e da construção de relações semânticas, de modo que a experiência corporal não constitui mero adorno expressivo. A análise dos autores reforça que a estrutura visual-espacial da Libras deve ser investigada em ligação com mecanismos cognitivos, culturais e gramaticais.

Diante das análises apresentadas, é possível afirmar que este estudo alcançou seu objetivo, ao identificar, no processo de elaboração e organização de sinais-termo, construções linguísticas que evidenciam a corporeidade como um princípio estruturante da Libras. Verificou-se que o corpo, mais do que um suporte físico, atua como elemento ativo na produção de sentido, contribuindo

para a construção semântica dos sinais. Ademais, a articulação com teorias linguísticas vinculadas aos estudos cognitivos corporificados permitiu descrever e compreender, com maior precisão, os mecanismos cognitivos e gramaticais envolvidos na criação de sinais técnicos voltados às áreas da Biossegurança e da Saúde (Francisco; Bourguignon; Castro Júnior, 2025, p. 394).

A citação explicita uma questão central para o futuro do campo: a corporeidade precisa ser tratada como dimensão passível de descrição sistemática. Isso implica identificar quais componentes corporais assumem funções linguísticas, que operam como recursos discursivos ou interacionais e como esses níveis se articulam em diferentes gêneros. Uma agenda cognitiva robusta não pode simplesmente afirmar que “o corpo produz sentido”; é necessário demonstrar, por meio de corpora comparáveis e critérios analíticos explícitos, como configurações de mão, movimento, localização, orientação, postura, olhar e expressões não manuais se combinam para estabelecer contrastes formais e efeitos semântico-pragmáticos. Nascimento (2026, p. 296-297) reforça essa necessidade ao problematizar fronteiras rígidas entre língua e gesto e propor investigação mais precisa da integração corporal na sinalização.

Essa perspectiva também requer cuidado conceitual. A noção de cognição corporificada não autoriza reduzir a Libras a gestualidade espontânea nem presumir que todo aspecto visual seja automaticamente icônico. Ao contrário, a corporeidade deve ser

compreendida dentro de convenções linguísticas que se estabilizam historicamente, sofrem variação e são aprendidas em comunidades de uso. Correia e Paula (2024, p. 10-24) lembram que as línguas de sinais compartilham com as línguas naturais a arbitrariedade do signo, ainda que apresentem graus de motivação icônica. A contribuição da Linguística Cognitiva, portanto, é mais consistente quando articula experiência e convencionalização, evitando substituir um formalismo abstrato por um determinismo perceptivo igualmente simplificador.

Espaço, dêixis e construção conceptual

O espaço constitui um domínio particularmente relevante para a investigação cognitiva da Libras. Ele não funciona apenas como cenário físico da sinalização, mas como recurso para estabelecer referentes, organizar relações, construir perspectivas e acompanhar deslocamentos discursivos. Máximo (2024, p. 917) observa que relações sintático-semânticas, referenciação e noções temporais recorrem à materialidade espacial para codificar distinções e organizar conceptualizações. A análise cognitivo-funcional permite, assim, compreender o espaço como parte da gramática e, simultaneamente, como suporte para operações de atenção, perspectivação e construção de cenas.

Silva e Machado (2026, p. 200-223) aprofundam esse argumento ao analisar a dêixis e os pronomes pessoais em tradução para Libras. Para os autores, o apontamento não deve ser interpretado como gesto simples ou transparência referencial. Ele participa de uma rede semântico-pragmática na qual corpo, posição espacial, contexto e intenção comunicativa interagem. A corporeidade funciona como recurso cognitivo para selecionar pontos de referência e estabelecer relações entre interlocutores e entidades discursivas. Esse tipo de análise é particularmente relevante porque desloca a descrição de uma equivalência formal — por exemplo, “pronome em português = apontamento em Libras” — para a investigação dos processos de conceptualização que sustentam a escolha e a interpretação do sinal.

Os espaços mentais constituem outro instrumento teórico produtivo. Kendrick, Soares e Mattos (2025, p. 123-132) analisam uma narrativa infantil traduzida para Libras e demonstram que a construção de sentidos envolve produção imagética, referência corporal, classificadores, transições entre espaços e funções dêitico-anafóricas. O corpo do enunciador pode assumir diferentes perspectivas, enquanto o olhar, a orientação e a posição articulam personagens e eventos. Os resultados do estudo indicam que a narrativa sinalizada depende de uma coordenação entre gramática, representação espacial e operações cognitivas, e não de uma sucessão de sinais isolados.

No âmbito da literatura infantil, essa organização pode assumir também uma função formativa. Kendrick, Soares e Mattos (2025, p. 137) destacam que o uso articulado de classificadores, expressões faciais e corporais, direção do olhar e espaços mentais potencializa a fruição da narrativa e favorece experiências linguísticas significativas para crianças surdas. A consequência teórica é relevante: estudos cognitivos da Libras podem dialogar com ensino e aquisição sem transformar categorias cognitivas em receitas pedagógicas. O desafio consiste em demonstrar como determinados recursos são aprendidos, convencionalizados e empregados por sinalizantes com diferentes idades, repertórios e experiências de exposição à língua.

Também os processos tradutórios revelam que o espaço não é neutro. Na tradução, o profissional precisa reconstruir relações referenciais e perspectivas segundo possibilidades específicas da língua de chegada. Diniz e Carneiro (2026, p. 181-195) defendem uma leitura plurissistêmica da unidade de tradução, articulando dimensões cognitivas, linguísticas e socioculturais. Entre os processos cognitivos relevantes, destacam memória, analogia, categorização e formação de unidades recorrentes. Essa abordagem contribui para compreender por que a tradução Libras-português e português-Libras não pode ser explicada apenas por correspondência lexical: a unidade efetivamente processada pode envolver construções mais amplas, relações espaciais e escolhas orientadas por função e contexto.

Para pesquisas futuras, a espacialidade oferece oportunidades metodológicas ainda pouco exploradas em larga escala no contexto brasileiro. Corpora anotados em vídeo podem permitir comparações entre gêneros, regiões, faixas etárias e trajetórias de aquisição, além de análises quantitativas de padrões de localização, retomada referencial e mudanças de perspectiva. Contudo, a anotação precisa preservar a simultaneidade característica da Libras. Transcrições lineares, quando utilizadas isoladamente, tendem a apagar a coocorrência de mãos, face, olhar, tronco e espaço. A perspectiva cognitiva pode contribuir justamente ao desenvolver modelos que representem múltiplas camadas sem reduzir a complexidade dos dados a sequências equivalentes à escrita alfabética.

Iconicidade, arbitrariedade e expansão terminológica

A iconicidade ocupa posição recorrente nas pesquisas cognitivas sobre línguas de sinais, mas seu tratamento exige precisão. A relação entre configuração formal e aspectos de uma experiência ou de um referente pode favorecer determinadas associações, porém isso não significa que os sinais sejam desenhos transparentes do mundo. Correia e Paula (2024, p. 10) retomam o princípio saussuriano da arbitrariedade para problematizar a impressão de evidência icônica. Ao final, os autores sustentam que a iconicidade não elimina a

dimensão convencional das línguas de sinais e afirmam que “o campo da linguística, tratando-se em especial dessas línguas, tem um caminho ainda longo em teorização e análise” (Correia; Paula, 2024, p. 24). A observação é importante porque posiciona a iconicidade como problema de pesquisa, e não como resposta pronta.

Uchôa *et al.* (2026, p. 1-4) oferecem um exemplo aplicado dessa discussão ao propor a criação de um sinal para CAMPO MAGNÉTICO. O estudo utiliza um modelo de construção analógica da iconicidade composto por seleção imagética, esquematização e codificação, tratando a iconicidade como processo cognitivo e não como simples imitação visual. O caso evidencia que a criação terminológica envolve escolha de propriedades conceituais relevantes, transformação dessas propriedades em esquemas e adequação às possibilidades fonológicas e morfológicas da Libras. O resultado depende, portanto, de análise conceitual, conhecimento linguístico e validação social.

A expansão terminológica é uma das áreas em que a interface entre Linguística Cognitiva e Libras pode gerar impacto científico e social imediato. O crescimento da presença da Libras em universidades, saúde, ciência, justiça e tecnologias cria demandas por sinais-termo capazes de circular em práticas especializadas. Albres (2025, p. 215-216) relaciona esse processo à tradução e ao mapeamento mental, defendendo que a elaboração de termos não deve

ser pensada de modo isolado da experiência de uso. O desafio consiste em evitar tanto a imposição de sinais elaborados sem participação comunitária quanto a crença de que a motivação visual, por si só, garante clareza conceptual ou estabilidade.

Apontamos como lacuna de pesquisa a falta de uma abordagem integrada entre os estudos da tradução, a linguística cognitiva e o desenvolvimento terminológico, que considere como os processos cognitivos influenciam a prática da tradução e o crescimento terminológico. Embora existam estudos que abordem aspectos isolados de cada área, ainda há uma necessidade de explorar como as teorias cognitivas podem contribuir com as estratégias de tradução e vice-versa, considerando os usos da Libras pelas comunidades surdas em âmbito acadêmico. Além disso, a aplicação de modelos cognitivos para entender a tomada de decisão do tradutor ou de educadores em contextos específicos é um campo que merece mais investigação. Essa intersecção pode enriquecer tanto a compreensão da tradução quanto o desenvolvimento de novas metodologias e práticas no campo (Albres, 2025, p. 216).

A lacuna apontada por Albres organiza uma das perspectivas mais promissoras do campo. Estudos futuros podem acompanhar o ciclo completo de emergência de um sinal-termo: identificação de uma lacuna lexical, análise do conceito, propostas de representação, discussão entre usuários, circulação em ambientes acadêmicos ou profissionais, variação concorrente e eventual estabilização. Esse desenho permitiria observar como iconicidade, analogia, frequência, categorização, economia articulatória e pertencimento comunitário

interagem no uso real. A metodologia pode integrar vídeo, entrevistas em Libras, tarefas de julgamento e análise longitudinal, sem pressupor que a primeira proposta terminológica seja automaticamente aceita ou cognitivamente mais “natural”.

Francisco, Bourguignon e Castro Júnior (2025, p. 379-394) reforçam esse caminho ao mostrar que a terminografia bilíngue e multimodal pode registrar não apenas equivalentes, mas informações visuais, semânticas e de uso. Em materiais de Saúde e Biossegurança, a corporeidade e o espaço ajudam a tornar conceitos acessíveis, mas a criação de sinais precisa considerar os contextos socioculturais da comunidade surda. Já Albres (2025, p. 225-226) interpreta a tradução como processo de reconceptualização, no qual esquemas, frames e modelos cognitivos orientam escolhas. Em conjunto, esses estudos sugerem que a terminologia de Libras deve ser observada como atividade social, cognitiva e linguística, e não apenas como inventário de formas.

A agenda futura também precisa investigar a tensão entre iconicidade e arbitrariedade em diferentes níveis. Um sinal pode ter motivação imagética na origem e, com o tempo, tornar-se menos transparente para usuários que não compartilham a história de sua formação. Pode haver variantes com diferentes graus de motivação, ou sinais formalmente semelhantes interpretados de modo distinto conforme contexto. Estudos experimentais com sinalizantes surdos,

combinados a dados naturalísticos, poderiam examinar reconhecimento, aprendizagem, memória e julgamento de transparência sem confundir facilidade de adivinhação com estrutura linguística. Essa distinção é essencial para que a Linguística Cognitiva não transforme a iconicidade em uma explicação totalizante das línguas de sinais.

Multimodalidade, tradução e construção de sentidos

A multimodalidade constitui um dos eixos mais recentes e desafiadores do debate. Nascimento (2026, p. 274-278) observa que a comunicação humana é composta por múltiplos recursos semióticos coordenados e questiona abordagens que tratam a modalidade visual-espacial como se ela, por si só, esgotasse a multimodalidade das línguas de sinais. Ao estudar mouthings e mouth gestures em construções interrogativas, o autor propõe olhar para a boca como parte potencialmente integrada a construções linguísticas e interacionais. A questão não é classificar previamente cada movimento como “linguístico” ou “gestual”, mas investigar sua regularidade, função, distribuição e grau de convencionalização.

Esse deslocamento tem consequências para a própria noção de dado linguístico. Se fala ou sinalização ocorre em interação face a face com gesto, olhar, expressões faciais e corporais, o corpus precisa

registrar e permitir a análise de tais camadas. Modelos baseados no uso tornam-se especialmente adequados porque tratam padrões gramaticais como abstrações construídas a partir de ocorrências. Nascimento (2026, p. 278) argumenta que a incorporação da multimodalidade exige reavaliar o que se entende por pareamento forma-sentido, uma vez que as entradas semióticas atuam de maneira integrada. Para a Libras, isso significa que descrições centradas apenas nas mãos podem perder informações relevantes à construção convencional e ao uso situado.

Por fim, acreditamos que as reflexões aqui apresentadas podem contribuir para o fortalecimento de uma agenda de pesquisa voltada à multimodalidade em línguas de sinais, especialmente no contexto brasileiro, em que esse debate ainda se encontra em processo de consolidação. Estudos futuros poderão aprofundar empiricamente as hipóteses aqui levantadas, ampliando o escopo de análise para diferentes fenômenos linguísticos, gêneros discursivos e contextos interacionais, bem como investigando de modo mais sistemático os limites, as funções e os graus de convencionalização do recrutamento da boca na sinalização (Nascimento, 2026, p. 297).

A tradução constitui um campo privilegiado para observar essa coordenação. Carvalho e Silva (2026, p. 114-138) discutem a transcrição em Libras a partir de uma abordagem multimodal de leitura. Em conteúdos destinados a crianças e jovens surdos, a tradução envolve texto sinalizado, visualidade, composição da cena e recursos

que reorganizam a experiência de leitura. Nas considerações finais, os autores defendem que a análise multimodal é essencial para compreender uma leitura não linear em que recursos verbais e visuais atuam conjuntamente. Essa perspectiva amplia a noção de acessibilidade: não basta acrescentar uma janela de Libras a um produto concebido integralmente segundo a lógica do português escrito ou falado; é necessário considerar como a informação é estruturada para a experiência visual do usuário.

Silva e Machado (2026, p. 223-224) chegam à conclusão semelhante ao analisar dêixis, semântico-pragmática e cognição. Para os autores, escolhas tradutórias dependem do contexto, da espacialização e de recursos corporais que funcionam simultaneamente. O corpo não aparece apenas como canal de execução, mas como recurso cognitivo para estabelecer referência, assumir perspectivas e ajustar efeitos pragmáticos. A consequência para a formação de tradutores e intérpretes é relevante: competências linguísticas precisam ser articuladas a capacidades de leitura multimodal, monitoramento contextual e tomada de decisão. Isso não significa psicologizar toda escolha tradutória, mas reconhecer que tradução envolve processamento, memória, atenção e avaliação de alternativas.

Diniz e Carneiro (2026, p. 181-195) complementam essa discussão ao propor uma abordagem plurissistêmica da unidade de

tradução. A frequência de uma construção e sua posição no sistema tradutório não são automaticamente equivalentes, e a delimitação da unidade depende de fatores cognitivos, linguísticos e socioculturais. Tal perspectiva evita conceber a unidade como segmento fixo determinado apenas pela superfície textual. Para a Libras, em que simultaneidade, espaço e corpo podem distribuir informação em diferentes canais, esse princípio é particularmente importante. Pesquisas futuras podem explorar como tradutores segmentam mentalmente unidades em tarefas Libras-português e português-Libras, quais pistas orientam essas decisões e como a experiência profissional modifica os padrões de processamento.

Outro aspecto relevante é a circulação de sentidos em práticas digitais. Vasconcelos e Campello (2026, p. 369) analisam memes da cultura surda brasileira a partir de uma perspectiva semiótica, mostrando que signos visuais e cenas práticas podem expressar pertencimento e experiências comunitárias. Embora o estudo não se situe estritamente no núcleo da Linguística Cognitiva, ele evidencia que a construção de significados em ambientes digitais é inseparável de repertórios culturais. Para pesquisas cognitivas, isso sugere a necessidade de ampliar objetos de estudo para além de tarefas laboratoriais ou frases isoladas, incorporando gêneros digitais, humor, narrativas e práticas sociais que mobilizam conhecimento compartilhado pela comunidade surda.

Aquisição, uso da Libras e dimensão sociocultural da cognição

A relação entre cognição e Libras precisa incorporar as condições concretas de acesso à língua. A trajetória de aquisição não é um detalhe biográfico, pois influencia repertórios, fluência e experiências de categorização e interação. Costa, Nascimento e Silva (2025, p. 314) analisaram três estudantes surdos com histórias linguísticas distintas e observaram diferenças na produção de sinais compostos. Os próprios autores associam a aquisição precoce ou tardia da Libras a processos linguísticos e cognitivos, mas os resultados devem ser interpretados no limite do pequeno grupo investigado. A principal contribuição, para este artigo, é metodológica: pesquisas sobre cognição surda precisam registrar idade de aquisição, qualidade do input, contextos de uso e repertório bilíngue, evitando tratar “pessoas surdas” como uma categoria experimental indiferenciada.

Silva e Valério (2026, p. 1-2) oferecem uma perspectiva educacional complementar. Em uma turma de estudantes surdos, identificaram práticas centradas na correspondência entre sinais e palavras e a predominância do português como objetivo educacional, com a Libras frequentemente reduzida a recurso de mediação. Esse cenário é relevante para a Linguística Cognitiva porque condições escolares moldam oportunidades de uso significativo da língua. Uma

abordagem baseada no uso pressupõe exposição a construções em contextos variados; se o ensino restringe a Libras a lista de vocabulário ou equivalências pontuais, reduz-se o acesso a narrativas, argumentação, referenciação, inferência e outros processos discursivos nos quais categorias linguísticas e cognitivas se estabilizam.

O estudo de Silva e Valério (2026, p. 10) também chama atenção para a posição do pesquisador surdo na produção de dados. O coautor surdo relata que seu acesso às interações escolares foi afetado pelo predomínio do português oral, ao mesmo tempo em que sua experiência favoreceu atenção a interações visuais, expressões faciais e sinais. Essa reflexão mostra que os desafios metodológicos não se limitam à escolha de instrumentos: incluem relações de poder, acessibilidade e posicionamento epistemológico. Para uma agenda futura, a participação de pesquisadores surdos em todas as etapas — formulação de perguntas, coleta, análise, interpretação e disseminação — pode ampliar a validade ecológica e reduzir vieses decorrentes de modelos construídos exclusivamente a partir de expectativas ouvintes.

A dimensão sociocultural aparece também na terminologia e na semiótica. Uchôa *et al.* (2026, p. 18) reconhecem que a criação de um sinal não se encerra na proposta formal e que a aceitação pela comunidade é elemento decisivo para sua circulação. Albres (2025, p. 215-226) trata a expansão terminológica como criação social ligada a

práticas de tradução e usos acadêmicos. Vasconcelos e Campello (2026, p. 369) demonstram que produtos visuais como memes mobilizam signos e experiências compartilhadas na cultura surda. Em conjunto, esses trabalhos sustentam que cognição, linguagem e cultura não podem ser separadas artificialmente: modelos mentais e categorias são construídos em práticas de interação, e sua análise exige considerar os ambientes sociais em que os sinais são usados.

É nesse ponto que a expressão cognição surda requer maior vigilância teórica. Se usada sem especificação, pode sugerir que a experiência visual produziria automaticamente um modo único de pensar. Os próprios estudos do corpus apontam em direção oposta: há diferentes trajetórias de aquisição, variação linguística, contato com português, níveis de escolarização, práticas profissionais e experiências comunitárias. A categoria mais produtiva, portanto, é relacional: investigar como determinados processos cognitivos se configuram em experiências linguísticas concretas de usuários de Libras. Essa formulação permite reconhecer especificidades sem essencializar o sujeito surdo e abre espaço para comparações internas à comunidade, estudos longitudinais e análise de repertórios bilíngues ou multimodais.

Em termos de pesquisa, isso implica ampliar a diversidade das amostras. São necessários estudos com crianças expostas precocemente à Libras, adultos que adquiriram a língua em diferentes

períodos, surdos de famílias surdas e ouvintes, usuários de diferentes regiões e grupos sociais, além de sinalizantes com experiências educacionais variadas. A comparação deve ser acompanhada de descrição detalhada das condições de aquisição e uso. Mais do que buscar “diferenças cognitivas” abstratas entre surdos e ouvintes, a Linguística Cognitiva pode perguntar como experiências linguísticas específicas influenciam categorização, memória discursiva, construção espacial, inferência e escolhas lexicais. Essa mudança de pergunta reduz riscos de patologização e aproxima o campo de uma concepção situada de linguagem.

Desafios teórico-metodológicos e perspectivas futuras

A síntese dos estudos permite identificar um primeiro desafio: construir modelos teoricamente integrados sem apagar a diversidade dos fenômenos. Corporeidade, iconicidade, multimodalidade, espaços mentais, tradução, terminologia e aquisição não são sinônimos de cognição. Cada eixo exige conceitos próprios, níveis de análise e procedimentos de validação. Albres (2025, p. 216) identifica explicitamente a falta de integração entre tradução, Linguística Cognitiva e desenvolvimento terminológico. Nascimento (2026, p. 296-297) aponta a consolidação ainda inicial da agenda multimodal no Brasil. Esses diagnósticos sugerem que o avanço do campo depende

menos da multiplicação de rótulos e mais da construção de perguntas empiricamente testáveis que conectem teoria, dados e práticas sociais.

O segundo desafio é metodológico. A Libras é produzida em vídeo, com simultaneidade e múltiplos articuladores, mas muitos procedimentos acadêmicos continuam dependentes de transcrições lineares e exemplos isolados. Para analisar recursos corporais e multimodais, torna-se necessário investir em corpora anotados, protocolos transparentes, descrição dos participantes e disponibilização ética de dados. A replicabilidade é especialmente importante em estudos que propõem novas categorias ou relações cognitivas. Amostras pequenas, como as inevitáveis em pesquisas exploratórias, podem gerar hipóteses relevantes, mas seus resultados precisam ser apresentados como localizados e posteriormente testados em conjuntos mais amplos.

O terceiro desafio é descritivo e epistemológico: formular categorias adequadas à Libras sem simplesmente importar modelos de línguas orais. Máximo (2024, p. 896-917) propõe a Tipologia das Interfaces como alternativa cognitivo-funcional baseada em dados naturalísticos de pessoas surdas. A autora reconhece, entretanto, que qualquer modelo permanece aberto a revisão, o que constitui uma postura particularmente relevante para um campo em consolidação.

Assim, entendemos que nosso modelo não anula nem diminui outros modelos propostos para a Libras, pois

reconhecemos que é inerente ao movimento da Ciência convulsões e rupturas teóricas e metodológicas. Oferecemos à Linguística mais uma possibilidade descritiva e interpretativa para a gramática da Libras, a qual ainda passará por refinamentos ao longo dos anos como nosso compromisso como linguista (Máximo, 2024, p. 917).

O reconhecimento da provisoriedade dos modelos é uma condição para o amadurecimento científico. Em vez de escolher entre uma gramática formal e uma gramática cognitiva como alternativas excludentes, pesquisas futuras podem comparar o poder explicativo de diferentes descrições para fenômenos específicos. A contribuição cognitiva será mais convincente quando demonstrar o que explica adicionalmente: por exemplo, como frequência e experiência moldam construções; como espaços mentais organizam perspectiva; como iconicidade orienta processos de criação lexical; ou como recursos corporais se convencionalizam. Esse procedimento evita que conceitos como “corporeidade” e “multimodalidade” se tornem apenas termos amplos sem operacionalização.

O quarto desafio envolve o processamento. Os trabalhos de tradução sugerem que atenção, memória, tomada de decisão e monitoramento participam da produção em Libras (Diniz; Carneiro, 2026, p. 195; Silva; Machado, 2026, p. 223). Contudo, ainda há espaço para estudos experimentais nacionais que articulem esses processos a dados linguísticos naturalísticos. Tarefas de compreensão,

reconhecimento de sinais, memória de construções, julgamento de iconicidade e rastreamento de escolhas tradutórias podem ser úteis, desde que sejam desenhadas em Libras e validadas com usuários surdos. A combinação de experimentos, análise de corpus e entrevistas pode permitir triangulação e reduzir o risco de interpretar desempenho em uma tarefa artificial como retrato completo da cognição dos participantes.

O quinto desafio é tecnológico. O crescimento de acervos digitais, plataformas de vídeo, ferramentas de anotação e recursos computacionais cria condições para estudar padrões de uso em escala maior. Ao mesmo tempo, sistemas automáticos treinados com dados insuficientes podem reproduzir descrições inadequadas ou reduzir a Libras a sequências de configurações manuais. A agenda futura pode explorar reconhecimento de padrões, busca em corpora e apoio à terminologia, mas precisa preservar a participação da comunidade surda, a privacidade e a complexidade multimodal. Ferramentas computacionais devem servir à análise linguística, e não substituir critérios teóricos ou validação por sinalizantes.

O sexto desafio é interdisciplinar. A Linguística Cognitiva aplicada à Libras dialoga com Psicolinguística, Estudos da Tradução, Educação Bilíngue, Semiótica, Terminologia e tecnologias da linguagem. Carvalho e Silva (2026, p. 137-138) mostram como leitura multimodal e transcrição se encontram em materiais digitais; Silva e

Valério (2026, p. 24-26) evidenciam consequências educacionais de uma visão grafocêntrica; Francisco, Bourguignon e Castro Júnior (2025, p. 394) aproximam cognição e terminologia especializada. A interdisciplinaridade, porém, deve ser construída com conceitos compatíveis e problemas comuns, não pela simples justaposição de teorias.

A partir dessas questões, pode-se projetar uma agenda futura organizada em cinco frentes complementares. A primeira é a ampliação de corpora naturais de Libras, com documentação regional e diversidade de gêneros. A segunda é o estudo longitudinal de aquisição e uso, para acompanhar a formação de construções e estratégias espaciais ao longo do tempo. A terceira é a investigação multimodal com anotação sincronizada de mãos, face, boca, olhar e corpo. A quarta é a análise cognitiva da criação e circulação terminológica, incluindo processos de aceitação comunitária. A quinta é o fortalecimento de pesquisas lideradas ou coconstruídas por pessoas surdas, garantindo que problemas, categorias e interpretações dialoguem com experiências de uso da língua.

Dentro dessa agenda, a multimodalidade aparece como ponto de integração, mas não como explicação única. Ela permite investigar simultaneidade e coordenação entre canais, enquanto a cognição corporificada ajuda a formular hipóteses sobre experiência e conceptualização; a gramática baseada no uso contribui para estudar

frequência e convencionalização; a semântico-pragmática orienta a análise de contexto e inferência; e a terminologia possibilita acompanhar a estabilização de novos sinais. O futuro da área pode residir justamente nessa articulação modular: diferentes modelos respondendo a diferentes perguntas, conectados por dados empiricamente ricos e por uma concepção da Libras como língua complexa, variável e socialmente situada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da produção nacional recente permite afirmar que a Linguística Cognitiva tem ampliado as possibilidades de investigação da Libras ao aproximar estrutura linguística, construção de sentidos, experiência corporal, espaço, iconicidade e práticas sociais. Os trabalhos examinados demonstram que a modalidade visual-espacial não deve ser tratada como simples diferença de canal: ela participa da organização da referência, da perspectiva, da simultaneidade e das relações semânticas dentro de um sistema linguístico convencional, variável e historicamente compartilhado. A contribuição cognitiva torna-se mais consistente quando evita tanto a transferência automática de categorias das línguas orais quanto a explicação de qualquer fenômeno da Libras apenas por sua visualidade.

A corporeidade emerge como eixo central, especialmente nos estudos de tradução, dêixis e terminologia. O corpo participa da construção semântica, da organização de espaços mentais e de escolhas tradutórias. A iconicidade mostra-se relevante para a criação de sinais e o mapeamento conceptual, mas não elimina arbitrariedade e convencionalização. A multimodalidade amplia esse quadro ao exigir análise conjunta de mãos, boca, face, olhar, tronco e contexto interacional. Por isso, modelos futuros precisam trabalhar com dados que preservem a simultaneidade e a integração entre recursos, evitando transcrições que apaguem dimensões significativas da produção sinalizada.

Também se evidenciou que a cognição surda não pode ser tomada como categoria homogênea. Trajetórias de aquisição da Libras, contato com o português, escolarização e práticas sociais produzem experiências linguísticas diversas. O caminho mais produtivo é investigar relações entre experiência linguística e processos cognitivos de modo situado, registrando idade de aquisição, repertório, contexto de uso e participação comunitária. Essa abordagem permite reconhecer especificidades da experiência visual e sinalizada sem transformar diferenças linguísticas em determinismos cognitivos ou generalizar resultados obtidos com grupos reduzidos.

Entre os desafios identificados estão a fragmentação entre subáreas, a necessidade de corpora multimodais mais amplos, a pouca

investigação longitudinal e a dependência de métodos originalmente formulados para dados orais ou escritos. Há ainda um desafio epistemológico: garantir presença efetiva de pesquisadores surdos na formulação de problemas, coleta e interpretação dos dados. O relato de Silva e Valério (2026, p. 10) mostra que a acessibilidade linguística afeta o próprio processo de pesquisa; assim, democratizar a produção científica pode modificar o que se observa, quais perguntas são formuladas e como os fenômenos são compreendidos.

As perspectivas futuras são promissoras, desde que o campo combine rigor teórico, qualidade empírica e responsabilidade sociolinguística. Bases de vídeo anotadas, corpora diversificados, estudos longitudinais e investigações experimentais validadas em Libras podem ampliar a precisão das descrições, assim como o acompanhamento da criação e circulação de sinais-termo. Conclui-se que a Linguística Cognitiva aplicada à Libras avança quando compreende a língua em uso, reconhece corpo e espaço como dimensões da significação, investiga a iconicidade sem simplificá-la e trata a multimodalidade como problema analítico efetivo. Uma agenda brasileira construída com participação surda e métodos multimodais poderá aprofundar a compreensão da Libras e contribuir para teorias mais gerais sobre linguagem, cognição e experiência humana.

REFERÊNCIAS

ALBRES, Neiva de Aquino. Estudos sobre a cognição e a tradução de Línguas de Sinais: criação social e ampliação terminológica.

Revista Linguística, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 215-229, maio/ago. 2025. DOI: 10.31513/linguistica.2025.v21n2a68162.

Disponível em:

<https://doi.org/10.31513/linguistica.2025.v21n2a68162>. Acesso em: 8 jul. 2026.

CARVALHO, Márcia Monteiro; SILVA, Rafael Monteiro da.

Transcrição em Libras: a recriação do texto durante o processo tradutório com uma abordagem multimodal de leitura. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 42, e04234, p. 114-142, 2026. DOI:

10.14393/LL63-v42-2026-34. Disponível em:

<https://doi.org/10.14393/LL63-v42-2026-34>. Acesso em: 2 set. 2026.

CORREIA, Tiberio Teylon dos Santos; PAULA, Aldir Santos de. A arbitrariedade do signo nas línguas de sinais: entre a iconicidade e o princípio saussuriano. **(Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 18, n. 39, p. 10-26, 2024. DOI: 10.47456/rctl.v18i39.43649. Disponível em: <https://doi.org/10.47456/rctl.v18i39.43649>. Acesso em: 12 jul. 2026.

COSTA, Catarina de Sena Sirqueira Mendes da; NASCIMENTO, Geisymeire Pereira do; SILVA, Heron Ferreira da. O uso de sinais compostos por estudantes surdos do curso de Letras-Libras da UFPI: um estudo pelo viés sociolinguístico e abordagem cognitiva. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 303-328, maio/ago. 2025. DOI: 10.31513/linguistica.2025.v21n2a68189. Disponível em: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2025.v21n2a68189>. Acesso em: 16 jul. 2026.

DINIZ, Ruan Sousa; CARNEIRO, Teresa Dias. Aspectos cognitivos, linguísticos e socioculturais da unidade de tradução (UT): uma abordagem plurissistêmica a partir de traduções da Libras para o português escrito. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 42, e04237, p. 181-199, 2026. DOI: 10.14393/LL63-v42-2026-37. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/LL63-v42-2026-37>. Acesso em: 3 set. 2026.

FRANCISCO, Gildete da S. Amorim Mendes; BOURGUIGNON, Saulo Cabral; CASTRO JÚNIOR, Gláucio de. Linguística cognitiva e estudos gramaticais da Libras: sinais técnicos em saúde e biossegurança. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 379-397, maio/ago. 2025. DOI: 10.31513/linguistica.2025.v21n2a68155. Disponível em: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2025.v21n2a68155>. Acesso em: 21 jul. 2026.

KENDRICK, Denielli; SOARES, Suellen Fernanda de Quadros; MATTOS, Alan Marlon de. Como os espaços mentais moldam a tradução em Libras de histórias infantis. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 123-140, maio/ago. 2025. DOI: 10.31513/linguistica.2025.v21n2a68106. Disponível em: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2025.v21n2a68106>. Acesso em: 24 jul. 2026.

MÁXIMO, Nídia. Uma tipologia linguística para a Libras. **Revista da ABRALIN**, v. 23, n. 2, p. 896-921, 2024. DOI: 10.25189/rabralin.v23i2.2205. Disponível em: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v23i2.2205>. Acesso em: 28 jul. 2026.

NASCIMENTO, João Paulo da Silva. Construções interrogativas multimodais em Libras: o papel de mouthings e de mouth gestures. **(Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 20, n. 45, p. 274-301, 2026. DOI: 10.47456/rctl.v20i45.52665. Disponível em: <https://doi.org/10.47456/rctl.v20i45.52665>. Acesso em: 5 set. 2026.

SILVA, Giselli Mara da; VALÉRIO, Wesley Klismann Ferreira. Ensino de Libras como primeira língua em uma turma de estudantes surdos: tensões entre língua de sinais e língua majoritária no cotidiano escolar. **Revista da ABRALIN**, v. 24, n. 1, p. 1-30, 2026. DOI: 10.25189/rabralin.v24i1.2327. Disponível em: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v24i1.2327>. Acesso em: 7 set. 2026.

SILVA, Rafael Monteiro da. **Transcrição em Língua Brasileira de Sinais**: um processo criativo e crítico, recriando o texto durante o ato tradutório. 2022. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Bilíngue) – Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/726797>. Acesso em: 10 set. 2026.

SILVA, Rafael Monteiro da; MACHADO, Flávia Medeiros Álvaro. As palavras, os sinais e o corpo: uma análise da corporeidade em Libras pela perspectiva da linguística cognitiva e suas contribuições para os estudos da tradução em línguas de sinais. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 93-113, maio/ago. 2025. DOI: 10.31513/linguistica.2025.v21n2a68252. Disponível em: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2025.v21n2a68252>. Acesso em: 31 jul. 2026.

SILVA, Rafael Monteiro da; MACHADO, Flávia Medeiros Álvaro. Semântico-pragmática e cognição: análise do fenômeno dêitico e sua relação com os pronomes pessoais no singular como expressões de corporeidade durante o ato tradutório em Libras. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 42, e04238, p. 200-227, 2026. DOI: 10.14393/LL63-v42-2026-38. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/LL63-v42-2026-38>. Acesso em: 6 set. 2026.

UCHÔA, Alessandra; MENEZES, Arlinda Pereira da Silva; SILVA, José Wagner Cavalcanti; BELO, José Tiago Ferreira. Para além do visual: o uso da iconicidade na criação do sinal para CAMPO MAGNÉTICO. **Revista do GELNE**, Natal, v. 28, n. 1, e42164, 2026. DOI: 10.21680/1517-7874.2026v28n1ID42440. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/1517-7874.2026v28n1ID42440>. Acesso em: 8 set. 2026.

VASCONCELOS, Alessandro Augusto de Souza; CAMPELLO, Ana Regina e Souza. A prática semiótica nos memes da cultura surda brasileira. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 42, e04245, p. 369-388, 2026. DOI: 10.14393/LL63-v42-2026-45. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/LL63-v42-2026-45>. Acesso em: 9 set. 2026.